Dia 14 — São Tiburcio, Valeriano e Máximo, Mártires

Era Valeriano um jovem cavaleiro romano que, cativado da extraordinária formosura e raro mérito de Cecília, declarou-se pretendente de sua mão, pondo em prática quantos meios lhe sugeriram seu amor e sua paixão para alcançá-la por esposa.

Assustaram Cecília as diligências de Valeriano, porque, sendo ocultamente cristã, sem que o tivessem chegado a entender ainda seus próprios pais, havia consagrado a Deus sua virgindade desde o dia em que recebeu o batismo. Entretanto concluiu-se o tratado e assinalou-se o dia do casamento. Nestes apurados termos recorreu Cecília à oração, ao jejum, ao cilício e a outras muitas penitências; e o Senhor rendeu-se a suas lágrimas e ouviu benignamente seus desejos. Efetuou-se o matrimônio e celebrou-se o casamento com ostentação e regozijo; mas, animada Cecília de uma viva confiança na bondade do Senhor e no poder de seu onipotente braço, achando-se a sós com Valeriano, falou-lhe desta maneira: «Eu tenho um segredo muito importante que comunicar-te, contanto que me jures que a ninguém o hás de revelar.» «Eu to juro», respondeu Valeriano. «Pois sabe — continuou a santa — que tenho em minha companhia um anjo do Senhor, guarda fiel de minha virgindade; e o muito que te amo me obriga a prevenir-te de que, se não me correspondes com um amor puro e casto, serás objeto de sua ira e te custará infalivelmente a vida qualquer licença ou liberdade menos honesta que quiseres usar comigo.»

A princípio emudeceu surpreendido Valeriano; mas, voltando a si e começando a fazer seu efeito a graça, disse-lhe: «Se queres que te creia, faze-me ver esse anjo que te guarda; porque, enquanto não dever a meus olhos o desengano, persuadir-me-ei de que tens postos os teus em outro homem, com agravo de minha fineza e de minha honra.» «Fá-lo-ei — respondeu a santa —; mas antes é mister que te laves em certo sagrado banho, sem cuja diligência não é possível ver o anjo que me defende.» Crescendo mais e mais em Valeriano a ânsia de ver o anjo, perguntou-lhe onde estava aquele misterioso banho e que diligência devia praticar para ser admitido nele. «Vai — disse Cecília — até três milhas daqui pela via Ápia; encontrarás certos pobres a quem eu tenho costume de dar esmola; leva-lhes esta de minha parte e pede-lhes que te conduzam aonde está o santo velho Urbano, o qual sabe o segredo do divino banho, te instruirá e te porá em estado de que vejas meu anjo.»

Partiu ao ponto Valeriano, viu-se com o santo papa Urbano e ficou logo instruído em todo o mistério. Soube que Cecília era cristã e que o sagrado banho que o faria capaz de ver os santos anjos era o batismo dos cristãos. Pediu-o com instância; e, detendo-o o santo pontífice sete dias para instruí-lo nos mistérios da fé, administrou-lhe o santo batismo e despachou-o a sua casa.

Apenas entrou nela, encaminhou-se ao quarto de Cecília; abriu a porta e viu que estava em oração com um anjo a seu lado, cujo semblante era mais resplandecente que o sol e tinha na mão duas grinaldas tecidas de rosas e açucenas de exquisita formosura, que exalavam uma celestial fragrância. Deu o anjo a cada um dos dois sua grinalda, dizendo-lhes que era presente do Esposo das virgens, como penhor da coroa eterna que lhes dispunha no céu; e, dirigindo depois a palavra ao neófito Valeriano, disse-lhe: «Pois resolveste ser virgem como tua casta esposa, ordena-me Deus que te diga de sua parte que lhe peças o que quiseres, porque está pronto a outorgar-to.» Ao ouvir estas palavras, prostrou-se em terra Valeriano e exclamou dizendo: «Ah, Senhor, a graça que vos peço é a conversão de meu irmão Tiburcio, porque sempre nos temos amado ternamente os dois; e assim fazei que logre a mesma dita que eu.» «Não podias pedir coisa mais agradável ao Senhor — respondeu o anjo — que a conversão de teu irmão, e Sua Majestade ta concedeu.» Dito isto, desapareceu.

Não bem haviam acabado sua oração Valeriano e Cecília, cumulados de um gozo celestial e rendendo ao Senhor mil graças e bênçãos, quando entrou Tiburcio no quarto e, saudando sua irmã: «De onde pode vir — perguntou-lhe — um odor de rosas e açucenas que percebo, não sendo tempo delas?» «A mim me deves esse gosto — respondeu Valeriano, sorrindo-se —: agora não percebes mais que o odor, mas em tua mão está ter também uma grinalda delas.» E, lançando-lhe os braços ao pescoço, transportado de alegria, acrescentou: «Sabe que sou cristão e espero que logo o serás tu também.» Contou-lhe depois tudo o que lhe havia passado, e pediu a Cecília que lhe explicasse brevemente os mistérios de nossa religião. Como a graça obrava poderosamente na alma de Tiburcio, abriu os olhos à verdade e exclamou dizendo: «Pois que é mister que eu faça?» «É mister — respondeu a santa — que, sem a menor dilação, busques o santo pontífice Urbano, para que te instrua e recebas de sua mão o santo batismo.»

Não se pode explicar o gozo que recebeu o santo pontífice quando viu Tiburcio a seus pés pedindo que o fizesse cristão. Era Tiburcio um jovem de galharda presença, de nobres e muito despejadas potências, de singular vivacidade e de uma intrepidez incrível. Deteve-o São Urbano alguns dias em sua companhia para catequizá-lo; e, havendo-o batizado, enviou-o a sua casa cheio de alegria e abrasado em tão ardente zelo pela religião que já todo o seu anelo era dar a vida em defesa dela.

Não foi estéril nem ociosa a conversão dos dois santos irmãos; os pobres sentiram logo seu efeito, pois muitos se viram livres da miséria com suas copiosas esmolas. Mas sua caridade e sua misericórdia brilhou principalmente em dar sepultura aos corpos dos santos mártires que morriam durante a perseguição e em consolar e alentar os que estavam encarcerados em ódio da fé.

Não podia deixar de fazer grande ruído uma virtude tão sobressaliente em pessoas daquela idade, daquele mérito e daquela qualidade. Chegando à notícia de Almáquio, prefeito de Roma e grande inimigo dos cristãos, mandou comparecer ante seu tribunal os dois santos irmãos e, havendo-se apresentado: «Admirado estou — disse-lhes — de que uns homens de vossa distinção se tenham misturado com esses miseráveis cristãos, aborrecidos e desprezados de todo o mundo. É decente a pessoas de vossa qualidade juntar-se com essa canalha? Se quereis fazer bem, faltarão pobres honrados para quem dispendais vossas esmolas?»

«Bem se vê, senhor — respondeu Tiburcio — que conheceis pouco os cristãos. Só o título de servo do verdadeiro Deus na única religião verdadeira vale mais que todas as riquezas e toda a nobreza. Até agora não houve no mundo povo tão discreto, nação tão prudente como a dos cristãos. Eles desprezam o que parece algo aos olhos dos homens e na substância é nada; e eles estimam o que parece nada a nossos olhos e é tudo na substância.» «E bem — replicou Almáquio —, que vem a ser isso que em si é nada, ainda que pareça algo?» «Este mundo — respondeu Tiburcio — que só é uma figura fugaz e passageira; essas honras vãs de que se apascentam os mundanos, esse fantasmão de glória, essa quimérica felicidade desta vida, atrás da qual tão cegamente se corre.» «E qual é a outra coisa — perguntou-lhe Almáquio — que, parecendo nada à nossa vista, na realidade vale por tudo?» «É a vida eterna — respondeu Tiburcio —, aquela vida feliz para as almas justas, que não terá fim, e aquela vida miserável para os pecadores, que jamais se acabará.»

«Quem te ensinou todos esses sonhos e delírios?», voltou a perguntar Almáquio. «Não os chames assim — disse Tiburcio —; chama-os verdades eternas, e te responderei que me as ensinou o espírito de meu Senhor Jesus Cristo.» «Quem foi o que te encheu a cabeça de tantos disparates?», insistiu outra vez o prefeito. «Quanto tempo há que desvarias, que perdeste o juízo e que deste nessas extravagâncias?» «Com vossa licença, senhor — respondeu modestamente Tiburcio —, a loucura e a extravagância é adorar por Deus uma estátua de pedra ou de madeira; a extravagância e a loucura é preferir um curto número de dias cheios de trabalhos, cuidados e amarguras a uma felicidade plena e eterna. Quando eu vivia cegamente no erro em que vós estais agora, então sim que era verdadeiramente louco e extravagante; mas depois que meu Senhor Jesus Cristo me abriu os olhos por sua infinita misericórdia, discorro com juízo e falo com prudência.» «Segundo isso, tu és cristão», replicou o presidente. «Sim, senhor — respondeu Tiburcio —, essa dita tenho e prezo-me muito dela.»

Irritado Almáquio de umas respostas tão firmes, tão animosas e tão prudentes, mandou prender Tiburcio; e, voltando-se a Valeriano, disse-lhe: «Já vês que teu pobre irmão perdeu a cabeça.» «Muito vos equivocais, senhor — respondeu o santo —; nunca o vi com maior juízo.» «Ao que vejo — replicou Almáquio —, tão louco estás tu como ele: em minha vida vi maior extravagância.» «Nem sempre falareis nem discorrereis dessa maneira — respondeu Valeriano —; algum dia conhecereis, ainda que tarde, que a maior de todas as loucuras era crer que uns homens embusteiros, malvados e desonestos em vida se convertessem em deuses depois de mortos. Que ideia formais da Divindade? Pode imaginar-se que há mais que um Deus quem não tenha perdido o uso da razão? Há no mundo extravagância mais risível que essa multidão de deuses e de deusas?»

Não sabendo Almáquio que responder, entrou numa espécie de furor; e, sem respeitar a ilustre qualidade dos dois santos confessores, mandou espancá-los tão cruelmente que faltou pouco para que expirassem naquele suplício. No meio dele ouvia-se-lhes exclamar, cheios de fervorosa alegria: Sede, Senhor, eternamente bendito pela graça que nos fazeis de que derramemos nosso sangue por vós, que vos dignastes redimir-nos derramando primeiro o vosso.

Levaram depois os dois santos irmãos ao cárcere quando Taquiniano, assessor do prefeito, lhe representou que, se não tirava logo a vida àqueles dois cavaleiros, aproveitar-se-iam do tempo para repartir todos os seus muitos bens aos pobres, e nada se encontraria para o fisco. Fez-lhe força este ditame, e mandou que ao ponto fossem levados ao templo de Júpiter para que lhe

oferecessem sacrifício e, em caso de resistirem, que lhes tirassem a vida.

Logo que se pronunciou esta sentença, foram entregues os dois santos mártires a um ministro chamado Máximo para que os conduzisse ao suplício. Admirado Máximo de vê-los tão alegres, perguntou-lhes a causa daquela extraordinária alegria. «Pois não queres — responderam-lhe os dois fervorosos irmãos — que transborde o gozo em nossos corações, vendo-nos já no termo desta triste vida, que propriamente é um miserável desterro, para dar princípio a outra vida cumuladamente feliz, que jamais se há de acabar?» «Pois quê — replicou Máximo —, há outra vida além desta?» «E como que a há — respondeu Tiburcio —; nossa alma, que só sente a alegria e a tristeza, é imortal; e depois desta vida tão curta, tão cheia de misérias e trabalhos, há outra que não tem fim. Esta é ditosa e feliz para os cristãos que morrem santamente; e, ao contrário, é eternamente desgraçada para os que não forem cristãos.»

Penetrado Máximo desta verdade, disse a Tiburcio: «Pois a esse preço eu quero ser cristão, e desde logo faço voluntariamente sacrifício desta minha curta e miserável vida.» «Nesta suposição — disseram-lhe os dois santos —, faze que se suspenda até amanhã a execução da sentença; leva-nos a tua casa, e esta noite receberás o santo batismo, para que no mesmo ponto de nossa morte vejas por teus próprios olhos um raio de nossa glória.» Fez-se tudo assim. Aquela noite concorreu secretamente à casa de Máximo a mesma Santa Cecília e com suas fervorosas exortações excitou em todos aqueles novos cristãos mais vivos e mais acesos desejos do martírio. No dia seguinte, no instante em que foram degolados os dois santos Valeriano e Tiburcio, viu Máximo suas almas, resplandecentes como dois astros luminosos, conduzidas pelos anjos ao céu, no meio de uma glória que o deslumbrava. Não podendo conter-se nem reprimir as lágrimas, prorrompeu nestas exclamações: Ó generosos servos do verdadeiro Deus! Oh, que ditosos sois! Oh, quem pudesse compreender a glória que gozais e eu estou vendo com meus próprios olhos! Oh, se pudesse eu lograr a mesma sorte que vós, já que tenho a dita de ser também cristão! A esta ruidosa conversão de Máximo, um dos principais ministros do prefeito, seguiu-se a de outros muitos pagãos, e logo foi premiada com a coroa do martírio. Porque, noticioso Almáquio do que se passava, mandou que ao ponto fosse moído a paus com bastões grossos e nodosos; o que se executou com tanta crueldade que o santo mártir expirou naquele tormento. Sucedeu o martírio destes grandes santos no princípio do terceiro século.

Seus corpos foram enterrados a quatro milhas da cidade, perto do lugar onde foram martirizados. Desde o século quarto foram venerados com público culto em toda a Igreja. No ano 740 o papa Gregório III reparou seu sepulcro, e perto do fim do mesmo século Adriano I mandou edificar em honra deles uma igreja. No ano de 821 foram trasladados seus santos corpos a Roma, juntamente com o de Santa Cecília, pelo papa Pascoal, que os colocou todos numa igreja dedicada a esta santa virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui sanctorum martyrum tuorum Tiburtii, Valeriani, et Maximi solemnia colimus, eorum etiam virtutes imitemur. Per Dominum nostrum.*

Português: Rogamos-vos, ó Deus onipotente, que nós, que celebramos a festa de vossos santos mártires Tiburcio, Valeriano e Máximo, imitemos também suas virtudes. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do livro da Sabedoria (o original diz «capítulo 3», mas o texto é de Sabedoria 5,1-5).

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** 1 Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. 2 Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; 3 dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. 4 Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; 5 ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: 1 Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. 2 Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, 3 dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. 4 Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: 5 Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«Faz o Espírito Santo neste capítulo uma viva pintura do que pensarão na outra vida os justos dos pecadores e os pecadores dos justos. Oh, quanto nos importaria — diz São Bernardo — ter continuamente presentes estes recíprocos ditames que jamais perdia de vista Salomão! Não haveria consideração mais eficaz para consolar a uns e para converter a outros.»

Reflexões

Hi sunt quos aliquando habuimus in derisum... Nos insensati. Estes são os que em algum tempo foram objeto de nossa burla e de nossas zombarias. Ó néscios, ó insensatos de nós! Esta confissão tão honrosa para a virtude é quase tão antiga como o mundo: desde seu mesmo berço foi perseguida a virtude; os bons começaram a padecer desde que houve maus. Mas, ainda que este costume seja tão antigo, nem por isso se faz menos estranho.

Que todos os ânimos se irritem e se declarem contra uma devoção falsa, aparente e dissimulada é coisa muito justa: os hipócritas são objeto digno do ódio de Deus e da aversão dos bons. Mas que se aborreça a devoção verdadeira; que a verdadeira virtude padeça uma espécie de perseguição no meio do cristianismo: isto é o que só a experiência pudera fazer crível, e isto é o que se opõe à razão igualmente que à religião.

Desenganado um jovem dos frívolos entretenimentos, dos falsos passatempos do mundo, conhecendo sua vaidade, alumiado com luz do céu e movido da graça, declara-se pelo partido da virtude. Bom Deus, quantas burlas, quantas censuras, quantas insulsas bufonarias tem que sofrer! Nem sempre é o que custa mais a vitória das paixões. A prova mais terrível de uma virtude terna e recém-nascida são as zombarias dos maus e talvez, o que é muito mais sensível, as indiscretas, as imprudentes expressões dos que se reputam por bons.

Ao contrário, se outro de sua mesma idade, deslumbrado pelas brilhantes exterioridades que encantam e embevecem, enganado daquelas lisonjeiras esperanças com que o mundo sustenta os que o seguem, entra pelo caminho largo da perdição e se abandona às perniciosas máximas do mundo, ninguém lhe fala palavra; antes bem, por pouco que sobressaia naquelas prendas superficiais e sem substância que o mundo aprecia e celebra, todos o aplaudem, todos o exaltam. Seus mesmos pais são os primeiros que concorrem a fomentar sua paixão: ainda que sejam imensos os gastos que faz para manter o jogo, o fausto, a profanidade, tudo o dá por bem empregado a família em consideração do rumo que tomou. Se se faz distinguir no sarau, no baile, todos a competência o celebram; enquanto a virtude humilde, exemplar e recolhida é objeto do riso. Dá-se a mãos cheias a um jovem libertino quanto peça para manter sua dissolução, ou a uma filha mundana para que siga as modas; mas, se estes mesmos filhos abraçam o partido do retiro, da modéstia e da devoção, falta pouco para deserdá-los, ao menos se os reduz aos precisos termos de sua legítima; enquanto as melhorias e os aumentos se reservam para os indevotos, para os que seguem cegamente o espírito do mundo. E que se responderá a Deus quando pedir estreita conta dessas injustas preferências, dessas ímpias predileções? Então clamareis: Ai, que impiedade! Ai, que injustiça! Mas já chegará tarde o arrependimento.

Nos insensati. Mas de que serve conhecer o mal quando já é o dano sem remédio? Néscios de nós, que nos causava lástima a vida exemplar dos bons; que zombávamos de sua modéstia e de sua circunspeção; que os olhávamos com uma espécie de desdém e de desprezo. Desterrávamo-los de nossas reuniões e sentíamos não sei que maligna complacência em fazer ridículas suas mais prudentes ações. Quantos insulsos chistes se nos ofereceram sobre seus escrúpulos, sobre sua delicadeza de consciência, sobre o teor regular de sua conduta! A nossos olhos eram uns homens

de mau gosto, de coração apoucado e de uma extravagância que se aproximava de parvoíce. Ah, que a parvoíce e extravagância foi nossa! *Ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.* Aqueles que pareciam tão desprezíveis a nossos olhos eram a mais nobre porção do rebanho de Jesus Cristo. Como ilustres herdeiros da virtude dos santos, estão hoje em posse de sua glória. Sua feliz sorte será eternamente objeto de admiração e de veneração a todo o universo e a nós de inveja, de raiva e de desesperação.

Talia dixerunt in inferno hi qui peccaverunt. Assim discorrem e assim falam da verdadeira sabedoria dos bons na hora da morte os que não quiseram imitá-los em vida; assim fazem justiça à virtude até no inferno os que a perseguiram na terra; assim se respeita no outro mundo os que neste se despreza.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,1-7

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

Meditação

Dos que estão em pecado mortal

Primeiro ponto

Considera que não pode o homem viver em estado mais infeliz, mais desditado neste mundo que no de pecado mortal. Por mais que um nade e se afogue em bens e em riquezas; por mais que brilhe com todo o esplendor imaginável; por mais que a fortuna risonha em tudo o galanteie; por mais que esteja cumulado de honras, de gostos e de deleites; por mais que tenha chegado ao auge da grandeza; por mais que se veja colocado no mesmo trono: se está em pecado mortal, é sobradamente infeliz e miserável. O mesmo que é um cadáver exposto aos olhos do povo debaixo de um magnífico pavilhão, estendido numa riquíssima cama, é aos olhos de Deus um homem que está em pecado mortal entre honras, riquezas e abundância. Não é capaz de preservá-lo de corrupção todo o brilhantismo, todo o esplendor do mundo. Os vermes não respeitam nem a nobreza do sangue nem a delicadeza dos membros. Podem os bálsamos, as drogas, os perfumes conservar incorruptas as carnes de um corpo morto; mas não podem fazer que não seja um espantoso cadáver. Pois ainda é muito pior uma alma que está em pecado mortal. Todos os tesouros do mundo, toda a ostentação, pompa e aparato não podem estorvar que seja abominável, que seja objeto de horror aos olhos de Deus. E vive-se tranquilamente neste estado! E há quem se alegre de estar e de perseverar nele!

Um homem em pecado mortal é um homem em desgraça de Deus, degradado de todo mérito, privado de todos os direitos que lhe dava a graça, despojado de todos os seus privilégios. Se morre neste infeliz estado, o inferno será sua eterna mansão; sua herança, a raiva, a desesperação, o fogo eterno.

Que pesar seria o de um cortesão se chegasse a entender que já o rei o olhava com desgosto! O homem em pecado mortal é objeto de horror aos olhos de Deus. Se não rebenta contra ele sua indignação e sua cólera, é efeito de sua misericórdia, que não debilita os direitos nem o rigor de sua justiça. O homem em pecado mortal é um delinquente condenado ao último suplício. Na verdade, dilata-se a execução para dar-lhe tempo a que solicite o perdão; mas que se poderá esperar de um réu de lesa-majestade divina que, podendo conseguir o perdão, persevera voluntariamente em pecado mortal? Não é este meu retrato? Pois qual será meu paradeiro?

Segundo ponto

Considera que o estado de pecado mortal é o mais infeliz de todos os estados; porque, enquanto está nele o pecador, faça o que fizer, o pecado destrói o mérito de tudo aos olhos de Deus. Ainda que fizesse milagres, diz o apóstolo São Paulo, ainda que tivesse tanta fé que com ela mudasse os montes de um sítio a outro; ainda que repartisse toda a minha fazenda entre os pobres; ainda que

entregasse meu corpo às chamas para ser reduzido a cinzas; se me falta a caridade, se não estou em graça de Deus, em vão trabalho; tudo quanto possa padecer ou fazer de nada me serve para o céu, porque o estado de pecado mortal é um estado de morto. Pois o morto, como pode fazer obras de vivo? E as que não são ações de vida, de que servem para a eternidade?

O pecado mortal reduz o homem a ser nada na ordem da graça: *Si charitatem autem non habuero, nihil sum.* Pois *ex nihilo nihil fit:* do nada nada se pode fazer. Bom Deus, que perda é a que faz em vida um pecador! Jamais lhe estimará Deus nada do que faz em pecado mortal.

Em tanto são meritórias nossas obras para a eternidade em quanto são bendizidas e estimadas dignas por Jesus Cristo. Para isto é mister estar unidos a Cristo por meio da caridade: enquanto subsiste esta união, comunica mérito e virtude particular a nossas obras; mas, cortada esta comunicação pelo pecado, ficamos como sarmentos secos, separados da videira, inúteis, sem proveito senão para arder no fogo eterno. Os rebentos da videira só levam fruto quando estão unidos à cepa.

Oh, que bem conheceram os santos esta importante verdade! Oh, que bem se aproveitaram dela! Que não fizeram, que não padeceram por não separar-se jamais desta cepa misteriosa! Honras, prazeres, tesouros, vãos e aparentes brilhos com que o mundo engana e deslumbra; desgraças, perseguições, suplícios com que o demônio espanta e horroriza: nada foi bastante para fazê-los titubear na fé, muito menos para derrubá-los. Tiburcio, Valeriano e Máximo tudo sacrificaram antes que perder a graça; mas quantos há que queiram perder tudo antes que deixar de cometer um pecado?

Meu Deus, em que estado tão lamentável tenho vivido eu! Que seria agora de mim se tivésseis lançado ao fogo este sarmento seco e separado! Volvei-me a unir à cepa por vossa divina graça, amado Salvador meu. Para merecer este favor vou trabalhar desde este próprio momento.

Jaculatórias

> *Ne projicias me a facie tua, et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.* Sl 50.

Não me lanceis, Senhor, de vossa presença nem permitais que perca vossa graça.

> *Quis nos separabit a charitate Christi?* Rm 8.

Quem me apartará do amor de meu Senhor Jesus Cristo?

Propósitos

1. A maior de todas as desditas é estar em pecado mortal. Toda outra desgraça é tolerável; nenhuma há que não possa ter algum alívio, alguma reparação nesta vida ou na outra; só esta é sem consolo. Se a misericórdia do Senhor não reprimisse a malignidade do inimigo de nossa salvação, nenhum pecador sobreviveria ao estado da culpa. Quantos funestos acidentes, quantos golpes imprevistos, quantas mortes repentinas se veriam a cada instante! Ignora-se agora a verdadeira causa da maior parte dos trabalhos que sucedem nesta vida: algum dia saberemos que dentro de nós mesmos estava a verdadeira origem de todos eles. Peca-se, vive-se em pecado; e depois nos admiramos da quebra no comércio, da desgraça na pretensão, das dissensões entre as famílias, da morte daquele filho único que era toda a esperança da casa! Mais nos deveríamos admirar de que, vivendo em pecado, tenhamos saído bem daquele apuro, daquele pleito, daquela enfermidade, se não soubéssemos por outra parte que estas aparentes felicidades não poucas vezes são efeito da ira de um Deus mais irritado contra nós. Nunca castiga Deus mais severamente o pecador que quando o deixa dormir profundamente no meio da prosperidade. Se tiveste a desdita de cair em pecado, tem a fortuna de levantar-te ao instante. Não esperes o domingo ou o primeiro dia de festa para confessar-te. Depois da contrição, a que ao ponto te deves excitar, acode ao médico espiritual, solicita quanto antes o remédio. E, se ao tempo em que lês isto te acusa a consciência de alguma culpa grave, não deixes passar o dia sem aproveitar-te da graça que te faz o Senhor. Vê que te expões a perigo de perder tudo se desprezas este aviso.

2. É grosseiro erro, que ensinou Wiclef e condenou solenemente o concílio de Constança, dizer que, pois nada do que se faz em pecado mortal é meritório para o céu, é inútil fazer boas obras, as quais por razão do mesmo pecado se fariam más e desmeritórias. Erro, heresia, embuste diabólico. Não, não chega a tanto a malícia do pecado, não obstante serem tão lastimosos seus estragos. Ainda que sejas réu diante de Deus dos maiores excessos, das mais enormes culpas, todavia neste estado podes e deves fazer obras boas. Honrar a Deus, socorrer os pobres, obedecer aos superiores, cumprir outras obrigações de religião e de justiça não só se pode, mas deve fazer-se ainda estando em pecado mortal; porque o pecado não dispensa dessas obrigações. Tens a desgraça de estar em tão lastimoso estado? Pois não só não deves omitir aquelas devoções que costumas, mas hás de alentar-te a acrescentar outras: mais oração, mais jejuns, mais penitência, mais esmolas, para mover a Deus, por assim dizer, a que te conceda a graça da conversão. Afora as obras de obrigação, que não podes omitir estando em pecado mortal sem cometer outro novo pecado, não é justo que procures com obras de supererrogação mover a misericórdia de Deus e aplacar sua justiça? Com este espírito a Madalena se arrojou aos pés de Jesus Cristo e os regou com suas lágrimas; o publicano suplicou ao Senhor que tivesse misericórdia dele; o centurião Cornélio conseguiu que suas orações e esmolas subissem até o mesmo Deus e se compadecesse de sua cegueira. Mas procura que a estas obras precedam sempre muitos atos de contrição e não te descuides de recorrer ao sacramento da penitência.

São Pedro González Telmo, Confessor

Pelos anos do Senhor de 1185, reinando em Castela Fernando II, nasceu São Pedro González, chamado comumente Santelmo. Sua pátria, ainda que tenha estado em disputa, todos convêm em que foi Frómista, vila e cabeça de marquesado, que tem a glória de haver dado ao mundo cristão um filho tão benemérito. Seus pais eram nobres e ricos; mas tiveram pouco que fazer na educação e criação de Pedro, havendo tomado este encargo sobre si um tio seu chamado dom Tello, que era então cônego e depois foi bispo de Palência. Esta cidade, que desde tempos muito antigos florescia em letras e onde havia estudado São Domingos, deu a nosso jovem mestres hábeis que o instruíssem; e, como às lições acompanhavam os salutares conselhos do tio e sua aplicação infatigável, chegou a possuir a gramática, a retórica, a dialética e outras daquelas artes que costumam chamar-se liberais. Para tudo davam ocasião as belas disposições com que o céu havia liberalmente dotado nosso mancebo, fazendo-o de um entendimento despejado e de uma docilidade tal que admitia sem resistência quanto seus mestres lhe ensinavam. Como a sua ciência se juntava uma conduta judiciosa e irrepreensível, não passou muito tempo sem que uma e outra fossem premiadas com um canonicato que obteve na mesma igreja de Palência. Não pararam aqui as honras com que o mundo risonho quis premiar seu verdadeiro mérito e literatura. Esta havia crescido com a aplicação e com os anos, e o céu, que lhe preparava ocasiões de grandes vitórias e merecimentos, quis que o mundo mesmo lhe guardasse justiça, sendo promovido por breve pontifício à alta dignidade de deão da mesma igreja em que era cônego.

Uma dignidade eclesiástica deveria ter enchido de turbação e sobressalto o coração de quem a olhasse por aquele lado que manifesta suas terríveis obrigações; mas nosso jovem Pedro a olhou somente como um emprego brilhante, que lhe proporcionava riquezas e ocasiões de gastá-las com ostentação e magnificência. No meio de suas boas disposições e de seus princípios de virtude, sentiu toda a força com que a idade juvenil provoca as paixões e não teve valor suficiente para resisti-la. Era jovem, era airoso de corpo e, ao mesmo tempo, tão afável e obsequioso que todos os demais jovens o amavam sem inveja e o admiravam sem emulação. Para fazer ostentação de sua bizarria e gentileza e, ao mesmo tempo, celebrar a nova dignidade de deão, resolveu sair pela cidade a cavalo, acompanhado de uma lúcida comitiva que servisse a seu maior lucimento; alarde vão, aconselhado pelo orgulho, mas que, tornando-se em humilhação sua, devia desenganá-lo das pompas e falsos brilhos do mundo.

A graça de Deus, diz o grande padre Santo Agostinho, esconde seus anzóis em todos os acontecimentos da vida; e, quando menos o pensa o homem, encontra-se ou com a exortação, ou com o exemplo, ou com o milagre, ou com o perigo, ou com outras casualidades que parecem caprichos da fortuna, mas não são senão conselhos da divina Sabedoria, misericórdias de nosso Deus e artifícios verdadeiros da graça. Assim lhe sucedeu a Pedro. Manda ajaezar um soberbo cavalo em que competissem o primor, o artifício e a riqueza; e, montando nele, sai pela cidade a fazer ostentação, mais da gentileza e formosura de sua pessoa que da altura e consideração que se devia a sua dignidade. Uma grande quadrilha de nobres jovens, ricamente vestidos, faziam

companhia a Pedro, servindo a sua vaidade e ao mesmo tempo procurando competir com ele no lucimento e na galhardia. Percorrem as ruas públicas, acompanhados de um inumerável concurso que por todas as partes os admira. As janelas e balcões estavam cheios de gentes que em repetidos vivas manifestavam sua admiração e regozijo pela ventura de Pedro. Entretanto chega este a uma praça, a mais pública e a mais cheia de gente. A satisfação, a alegria, a soberba, a vaidade, o desejo de glória e de mais aplauso se apoderam de sua alma; e, querendo fazer alarde de sua destreza em correr e manejar o cavalo, aplica-lhe com força as esporas, corre precipitadamente, mas no meio da carreira (ó vaidade do mundo!) tropeça o cavalo e dá com nosso jovem no meio de um lugar fétido e lodoso, onde, tendo que revolver-se muitas vezes para sair, encheu-se de tanta hediondez, sujeira e porcaria que excitou o riso e a gritaria do imenso gentio que o olhava. O aplauso converte-se em desprezo, a admiração em riso e chacota; começam a assobiá-lo; começam a zombar dele com pilhérias e sátiras; de modo que foi maior a confusão, vergonha e abatimento num só instante que o aplauso, admiração e triunfo com que havia sido celebrado em toda a carreira. Assim quis Deus chamar para si este jovem e fazer que renascesse à virtude por meio do escarmento, no mesmo dia em que o Verbo encarnado quis nascer no mundo.

Logo que Pedro advertiu a burla e escárnio que se fazia de sua pessoa, ilustrado por uma luz superior, conheceu a vaidade deste mundo, o falso de suas pompas e vaidades e quão pouco se deve fiar de suas glórias e aplausos aparentes. Determinou desprezá-lo, quis tomar dele esta justa vingança no mesmo lugar em que havia recebido dele tanto desprezo; e assim, com voz clara que todos puderam entender, prorrompeu nestas razões: «Suposto que o mundo me burlou desta maneira, fazendo que seus partidários me insultem e assobiem no mesmo dia em que eu lhe fazia o maior sacrifício, também eu me burlarei dele, vingando-me de suas falsidades e cautelas; e, para que não tenha ocasião de fazer de mim novo escárnio, prometo deixá-lo desde agora e retirar-me aonde passe minha vida com maior segurança contra seus laços e ciladas.» Não eram estes propósitos daqueles que, à maneira de fogos-fátuos, se desvanecem com a mesma facilidade com que se formam. O misericordioso Deus, que sabe com sabedoria infinita a arte maravilhosa de tirar bens dos males, como diz Santo Agostinho, havia fixado no coração de nosso jovem escarnecido o desprezo do mundo e o arrependimento de seus excessos.

Aquela luz sobrenatural com que havia sido ilustrado ensinou-lhe que não devia retardar ao céu seus votos, mas que, à medida do fastio que havia concebido sua alma a todas aquelas vaidades que arrebatavam antes seus sentidos, devia ser o esforço e prontidão em abandoná-las de uma vez para sempre. Olhava-se como uma nau agitada dos ventos, exposta a ser submergida nas inconstantes ondas enquanto não ancorasse em porto seguro. O conselho de São Jerônimo, escrevendo a Heliodoro, de que para deixar o século se deve fazer o mesmo que para abandonar um porto perigoso e mal seguro, isto é, cortar os cabos com presteza, sem deter-se a desatá-los, acabou de decidi-lo. Florescia naquele tempo na Espanha a religião de São Domingos, cuja doutrina e fervor estavam ainda muito recentes na memória e operações de seus filhos: a este sagrado instituto resolveu acolher-se o jovem Pedro, como a um asilo seguro contra os perigos do mundo; e assim, renunciando com admiração de todos a suas riquezas, títulos e dignidades, tomou o hábito de religioso no convento de dominicanos de Palência.

Logo que se viu livre dos laços que até então lhe haviam impedido caminhar à perfeição, começou a exercitar-se com tanto ardor em todo gênero de virtudes que em breve foi o modelo e admiração dos mais provectos religiosos. Não parecia senão abelha solícita e oficiosa que, recolhendo dos demais irmãos as flores de virtude em que resplandeciam, formava em si mesmo um favo delicioso com que recrear o Espírito divino. Passou-se o ano de noviciado, em que deu mostras mais de um homem consumado em todo gênero de santidade que de um noviço no exercício de servir a Deus; e, havendo chegado aquele dia suspirado e ditoso em que havia de fazer profissão, preparou-se com lágrimas, oração, jejuns e penitências e ofereceu ao Todo-Poderoso um agradável sacrifício de si mesmo sem reservar-se neste mundo nada. Prometeu viver em perpétua obediência, em castidade pura e em pobreza voluntária, três laços sagrados com que ficou separado do século e preso para sempre no amor e serviço de Deus.

Não retardou o cumprimento de suas promessas, pois todo o fervor com que havia servido no ano de noviciado duplicou-se e cresceu excessivamente depois que se viu admitido na milícia de Jesus Cristo. Sua castidade era angélica, e se deixava ver a pureza de seu coração em todos os seus movimentos, em todas as suas obras e palavras. Prevenia a vontade de seus superiores; e, feito cargo de que é mais grata ao Ser supremo a obediência que as vítimas, nada fazia que não procurasse cuidadosamente que fosse feito por obediência. Toda a sua riqueza era ser verdadeiramente pobre, desprezando por Cristo não somente os bens terrenos com que lisonjeia o mundo seus partidários, mas as esperanças de possuí-los. Seu vestido era pobre, pobre o aparelho de sua cela, e quantas coisas tinha para seu uso manifestavam claramente a verdadeira pobreza de seu espírito. A oração, na qual sentia delícias inexplicáveis, era seu mais contínuo exercício; e, se havia de interrompê-la, era para ocupar-se em outros exercícios devotos, em penitências e nas obrigações comuns que prescreve a regular observância. Com estas qualidades fez-se amado de todos, e todos achavam no santo jovem um mestre provecto em todo gênero de virtude. Não podia conter-se dentro do mosteiro o bom odor de Cristo que exalava sua santa vida; e assim, dentro de pouco tempo cresceu tanto a fama de sua santidade que até nos lugares mais remotos era conhecida e admirada. Mas não é de maravilhar que sucedesse assim; pois era tal a admiração, e juntamente a alegria, que causava em seus irmãos a celestial vida de Pedro que, aonde quer que iam, a pregavam por admirável e a propunham a todos como modelo da perfeição evangélica.

Não se contentou com isto este exemplar religioso; refletiu que a ordem sagrada que havia professado não se havia instituído senão para ganhar almas para o céu por meio da pregação. Para este exercício sabia que era necessário, além da integridade de costumes, uma ciência nada vulgar sobre os dogmas e mistérios da religião. Ainda que havia sido cônego e deão de uma igreja respeitável, como em sua promoção havia tido tanta parte o favor, pareceu-lhe que ainda carecia daquela instrução e conhecimentos que devem adornar os ministros do santuário para ser úteis a seus próximos por meio do ensino. Com esta persuasão dedicou-se com atividade ao estudo da sagrada teologia; e, como seu entendimento era despejado, sua aplicação contínua e seus desejos de saber simples e bem ordenados, em pouco tempo fez rápidos progressos. Bebia com ânsia nos sagrados livros a água da católica doutrina, e era tal o deleite que sentia neste estudo que lhe sucedia passar as noites inteiras insones sem poder apartar-se dos livros. Deste modo ia fazendo em sua memória um rico depósito de sentenças e doutrinas, de que encheu depois aqueles vivos discursos que tantas almas ganharam para o céu.

Ao mesmo tempo tinha diante dos olhos a vida do patriarca São Domingos, onde, como num espelho, via todas as qualidades e dotes de que deve estar adornado aquele que prega a palavra de Deus. Ali aprendeu a juntar com a ciência sagrada uma humildade profunda, uma contínua oração, um desprezo verdadeiro do mundo, um zelo ardente da salvação de seus próximos, a maceração de sua carne e mortificação de seus sentidos e, por último, a não fazer venal a palavra de Deus, mas a derramá-la liberalmente, segundo o preceito evangélico: *Dai de graça o que de graça recebestes.* Viram os superiores de Pedro que em breve tempo se havia disposto não somente para obter o sacerdócio, mas para a administração do sacramento da penitência e pregação do Evangelho; e assim dispuseram que se ordenasse de presbítero, concedendo-lhe ao mesmo tempo as faculdades e licenças necessárias de confessar e pregar. Tudo o recebeu o santo jovem com submissão e com temor, porque não ousava contradizer as disposições de seus prelados e, por outra parte, sabia a responsabilidade dos que são administradores ou dispensadores do sangue de Cristo e de sua doutrina.

Constituído pregador e confessor, quem poderá dizer o fervor, o zelo, o fruto com que começou a exercer ministérios tão altos? Ensinava a todos o caminho da salvação, não somente com as palavras, mas muito mais com as obras. Se advertia que alguém tinha necessidade de expiar seus delitos por meio da confissão sacramental, rogava-lhe, exortava-o e não se dava sossego até lograr que se confessasse. Deixava a mesa, abandonava qualquer obra começada e empreendia longas e penosas viagens sempre que concebia esperanças de ganhar a alma de seu próximo. Quando se hospedava fora do convento, ainda que fosse em casa de algum grande senhor, exortava o dono da casa e toda a sua família a que se confessassem; e para isto fazia-lhes uns discursos tão vivos e patéticos sobre a fealdade do pecado mortal, sobre o rigor das penas do inferno, sobre o estado pacífico e venturoso dos que estão em graça de Deus, que jamais saiu de casa alguma sem converter e confessar a todos: tanta era a força e artifício com que sabia persuadir e tanta a unção que o Espírito Santo comunicava a suas palavras, fazendo-as espadas de dois gumes que chegavam até dividir o espírito, como diz São Paulo.

Tanta virtude e sabedoria, tanta graça e poder para semear a palavra de Deus não podiam deixar de ganhar muita reputação a nosso santo, ainda que com farto sentimento de sua humildade. A fama, que tem a seu cargo fazer notório ao mundo quanto ocorre nele de singular, seja bom ou seja mau, levou o nome de Pedro até o palácio do católico rei São Fernando. Logo que este ouviu as maravilhas que se diziam dele, desejou tê-lo a seu lado, para que suas orações e conselhos lhe servissem de apoio para sustentar o peso da coroa. Achava-se então empregado em lançar da Espanha a morisma, que tantos anos havia a tinha infestada com sua dominação, com sua crueldade e com seus brutais costumes. Tinha declarada guerra aos mouros e, como conhecia que o Deus dos exércitos é quem reparte as vitórias, sem que ninguém possa confiar no poder de suas armas nem na multidão de seus soldados, desejava que em seus esquadrões brilhasse mais a retidão e boa ordem das consciências que o vistoso das evoluções e das armas. Sempre foi certo que a semelhança de costumes produz amor e carinho, e muito mais se os costumes são santos e arranjados; e assim Fernando III, que era santo, não sossegou até que viu a seu lado o religiosíssimo frei Pedro González, que também o era. Conhecia o piedoso rei que, para conter a licença que se propaga facilmente com o estrépito das armas, se necessitava de um espírito não menos fervoroso que prudente e que soubesse, segundo as circunstâncias, arguir, rogar e repreender, às vezes com o fogo e zelo abrasador de um Elias e às vezes com a doçura e

benignidade de um João evangelista.

Como o pensou, assim o viu com seus olhos confirmado pelos efeitos; pois, apenas entrou São Pedro nos arraiais de Fernando, a modo de trovão começou a soar sua voz contra os vícios. Pregava incessantemente, ensinava a doutrina cristã aos soldados, juntava-os em círculos e companhias e fazia-lhes uns discursos tão vivos, tão amorosos e tão persuasivos que em breve tempo se viu o exército tão melhorado que eram já outros seus costumes e outros os fins santos com que os soldados pelejavam contra os mouros. A honra e glória do Deus das batalhas eram os dois princípios que moviam seus corações: por eles logravam esforço seus braços, e por este esforço conseguiu Fernando diferentes vitórias, sendo uma das mais importantes e assinaladas a que o fez dono da famosa cidade de Córdoba, capital de um dos reinos que haviam formado na Espanha os mouros. Uma virtude tão sólida, uns exemplos tão brilhantes, uma liberdade tão evangélica para repreender os vícios nem podia deixar de ofender os viciosos nem de excitar a malignidade de seus corações para que pensassem em persegui-lo: foi muito singular o gênero de perseguições que teve que sofrer nosso santo e a maneira com que saiu vitorioso delas.

Estavam em conversação certo dia alguns senhores grandes dos que formavam a corte de Fernando. Entre os vários objetos sobre que versaram seus ociosos discursos, foi um o bendito religioso, opinando uns que sua conduta irrepreensível, seu zelo ardente e a frugalidade com que vivia eram dignos da maior veneração; enquanto, pelo contrário, outros o caluniavam notando-o de atrevido e sustentando com ardor que toda a sua vida e suas ações eram animadas unicamente pela ambição e pela hipocrisia. Ouviu a disputa uma mulher liviana das muitas que costumam infestar os exércitos e, determinando-se desde logo por aquele modo de pensar que congeniava com seus indecentes costumes, pediu-lhes algum prêmio e ofereceu esclarecer suas dúvidas solicitando torpemente São Pedro. Aceitaram a proposta, como que era o que mais apeteciam seus corações. Eram-lhes sumamente pesadas as repreensões de nosso santo, e criam que, se aquela mulher lograsse induzi-lo a pecado, ver-se-iam livres de suas censuras e teriam no sucessivo um salvo-conduto para viver na desordem. Quanto se enganam os mundanos quando pretendem medir as ações dos servos de Deus pelas suas e calcular suas resoluções pelas que eles tomariam, segundo sua depravação, em determinadas circunstâncias!

Concertados, pois, no preço, saiu aquela mulher diabólica a pôr em execução seus depravados conselhos; e, armada de todos os artifícios que pôde sugerir-lhe sua avareza, sua malignidade e sua torpeza, passou ao lugar onde o servo de Deus estava aposentado. Fez-lhe saber por um criado que estava ali uma mulher que desejava falar-lhe para descobrir-lhe um segredo de grande importância. Ao instante creu São Pedro que se lhe apresentava alguma boa ocasião em que a honra de Deus e a salvação de seus próximos haviam de ter algum grande proveito; e, sem imaginar sequer que podia ocultar-se algum laço contra sua inocência, mandou que entrasse aquela mulher na câmara em que estava. Apenas se viu a astuta cortesã em presença do santo, começou a soluçar, cobrindo o atrevido rosto de fingidas lágrimas. Pôs-se a seus pés de joelhos e com suspiros que teriam enganado qualquer um que fosse menos cândido e simples pediu-lhe que a confessasse. Estava já muito perto a noite e, temendo o santo que, se começava a confessá-la, se poderia seguir alguma nota, pediu-lhe que viesse no dia seguinte, e então, com tempo e comodidade, a confessaria. «Santo padre — respondeu a mulher —, a fama de tua virtude é notória por todo o mundo; eu sei muito bem o ardor com que procuras a salvação das almas e a conversão

dos pecadores. Isto mesmo me trouxe a teus pés a fazer uma confissão ingênua de meus pecados, para daqui em diante mudar inteiramente de vida. Portanto, conjuro-te em nome de Deus que me ouças no presente e permitas que faça confissão de meus pecados, bem certa de que, se nesta noite me sucedesse algum acidente de modo que morresse sem confissão por culpa tua, tu serias no tribunal de Deus réu de minha condenação e responsável pela perdição de minha alma.»

Consternou-se o santo varão vendo-se conjurado daquela maneira; começou a escrupulizar e temer a perdição daquela alma e resolveu-se a ouvi-la em confissão: para este efeito retirou-se a um lugar mais secreto e apartado e, tendo a seus pés aquela mulher infernal, mandou-lhe que se persignasse. Mas o sinal sacrossanto da cruz é um signo não menos odiado e temido do demônio que de seus ministros. Em lugar de persignar-se e fazer a confissão que havia prometido, começou a pôr em execução seus depravados intentos. Significou ao santo com as palavras mais sedutoras e encantadoras que tinha a alma abrasada por seu amor, ao qual, se não correspondia, devia ter por certo que lhe era impossível viver. A estas acrescentou outras razões, lágrimas, suspiros e quanto pode sugerir o espírito infernal de mais ativo para fazer valer suas astúcias e enganos. A escuridão da noite, o apartado do aposento, a solidão, a formosura, a persuasão e um amor, ainda que falso, bem fingido e ponderado eram circunstâncias que faziam a tentação das mais terríveis e perigosas. A repentina fuga parece que era o remédio mais oportuno; mas quem será capaz de averiguar as diversas maneiras com que manifesta a graça seu poder e com que quer Deus ser admirável em seus santos!

Ficou São Pedro atônito ouvindo o arrazoado apaixonado daquela infeliz mulher; mas, inspirado do céu, pensou em ver como poderia ganhar aquela alma, não com ásperas repreensões nem terríveis ameaças, mas com razões brandas e vencendo as astúcias do demônio com santos e salutares artifícios. A graça e a verdadeira virtude têm também suas indústrias, e, quando se atravessam a glória de Deus e o proveito dos próximos, são sumamente engenhosas em seus projetos. «Não permita Deus — respondeu o santo à proposta da mulher —, não permita Deus, filha minha, que seja eu causa de teu mal nem de que morras de repente: cessem tuas lágrimas e tua tristeza, que dentro de muito pouco estarás livre do perigo; mas é mister que esperes um pouco enquanto disponho o leito, que está descomposto e desasseado.» Dito isto, apartou-se dela e, juntando um grande montão de lenha, fez uma fogueira formidável e espantosa. Chamou a mulher, que acudiu como quem pensava ver o triunfo de sua formosura; mas, apenas se apresentou, o castíssimo religioso estendeu seu manto sobre a fogueira e, lançando-se em cima, disse-lhe: «Se tão grande é o amor que dizes que me tens, vem gozar dele e satisfazê-lo neste leito: talvez o fogo material apague o torpe e abominável que te abrasa.» Dito isto, revolvia-se o santo nas vorazes chamas, sem que estas o danassem nem sequer lhe chamuscassem o hábito.

Espreitavam pelas frestas da porta, ansiosos de ver vencida a virtude do santo padre, aqueles cortesãos que haviam excitado e oferecido prêmios à infeliz sedutora. Mas, quando viram com seus olhos a terrível fogueira, a confiança com que o santo estava entre as chamas e nestas repetido o milagre do forno da Babilônia, quem será capaz de dizer a admiração, a surpresa, o temor e a consternação que se apoderou de seus corações? Abriram repentinamente as portas e, envergonhados e contritos, lançaram-se aos pés do santo, confessaram seu delito e pediram-lhe perdão dele, venerando dali em diante sua santidade tanto como antes haviam murmurado dela. A desonesta mulher, confusa e envergonhada, não sabia que partido tomar; mas o Espírito Santo

iluminou sua alma para que conhecesse toda a atrocidade de seu delito e pensasse expiá-lo com lágrimas de penitência. Prostrou-se aos pés do santo, pediu-lhe que a perdoasse e fez sinceramente a confissão que havia fingido para seduzir a inocência. Assim quis Deus trocar esta mulher de vaso de desprezo em vaso de honra e assim quis manifestar a santidade de seu servo com as provas mais autênticas que tem a virtude.

Havia já neste tempo conquistado Córdoba o rei católico e pensou em retirar-se por algum tempo a sua corte. Acompanhou-o o santo no caminho; mas, logo que chegou a Castela, despediu-se do rei, desejoso de fugir dos perigos que encerram os palácios e de ser mais útil por meio da pregação a seus próximos. Retirou-se à Galiza, onde começou a exercitar-se de novo no ministério da divina palavra e da sagrada penitência, ganhando para Deus grande número de almas. Seus discursos eram vivos e eficazes, recaindo sempre sobre os vícios dominantes na multidão, sem que ninguém se ofendesse de ver-se repreendido. A palavra de Deus adquiria uma nova força em seus lábios, porque juntamente pregava sua virtude e todas as suas apreciáveis circunstâncias: mas estas mesmas o puseram diversas vezes no maior risco de perder-se. Era o santo de uma gentil presença, de semblante nobre e formoso, e isto foi causa de que sua honestidade fosse tão combatida; mas sempre saiu vitorioso por meio do milagre do fogo que já fica referido e de que teve que valer-se outras vezes para rebater as atrevidas solicitações de mulheres desonestas.

Deus por outra parte o ajudava poderosamente com sua graça; e não parecia senão que havia posto em sua mão o uso de sua onipotência, segundo a facilidade com que fazia os milagres. Chegou uma vez sedento a pedir um pouco de água a uma pobre mulher, a qual não tinha mais que uma curta porção de vinho que lhe havia mandado guardar seu amo; fê-la trazer e, tendo bebido ele e seu companheiro, ficou na vasilha a mesma quantidade. Outra vez, seguindo-o este de má vontade numa expedição de caridade, pelo cansaço e fome que padecia, deu-lhe a comer um pão e a beber um vinho que manifestavam em sua bondade ser coisa do céu. Mandava aos elementos, e estes reconheciam nele um ministro e um servo fiel de seu Criador. Manifestou-se isto diferentes vezes nas águas do Minho, já sustentando milagrosamente o santo para que passasse de um lado a outro sem submergir-se, já lançando os peixes à margem para sustentar os pobres e os que construíam uma ponte para a pública utilidade. Também se viu obedecer-lhe as tempestades, acalmando ou deixando livres de seus trovões e relâmpagos aqueles lugares em que o santo estava pregando.

Deste modo, entre os portentos da graça e os afãs de seu ministério apostólico, passou uma vida cheia de merecimentos e de heroicas virtudes, que lhe asseguravam as recompensas eternas. Quanto mais se lhe aproximava a morte, tanto maior era seu ardor e seu zelo pelo bem das almas, superando a caridade a fraqueza de suas forças debilitadas pela velhice, pelas penitências e contínuos trabalhos. Mas chegou o tempo em que quis Deus dar-lhe o prêmio devido a sua fidelidade; e o céu fez-lhe a misericórdia de anunciar-lho com antecipação. Revelou este segredo o santo pregando em Persecário no domingo de Ramos. Disse a seus ouvintes como estava já muito próxima a hora de sua morte e certificou-lhes de que não voltaria mais àquele povo a pregar a palavra de Deus. «Portanto, irmãos meus — dizia —, quando chegar a vossa notícia que está já pronta minha alma a apresentar-se no tribunal de Deus, ajudai-me com vossas orações para que me julgue com misericórdia: porque, ainda que não me remorde a consciência de haver ofendido o Senhor gravemente depois que deixei o mundo, contudo não me creio com tanta pureza que não

necessite dos sufrágios que oferecem a Deus os fiéis por seus irmãos.» Dito isto, que ouviram com lágrimas aquelas venturosas gentes, despediu-se delas e marchou a Tuy, onde pregou os dias restantes da Semana Santa, até que, aproximando-se já a Páscoa, caiu perigosamente enfermo.

Desejava o santo com ânsia morrer entre os religiosos seus irmãos; e assim, tendo melhorado algum tanto, creu que poderia chegar ao convento de Santiago, de que era conventual. A veemência do desejo deu-lhe força para pôr-se a caminho; mas, a pouco trecho que andou, conheceu que era empenho vão querer resistir à doença, que se apresentou com novos esforços; e, voltando-se ao companheiro, disse-lhe: «Creio, irmão meu, que é a vontade de Deus que voltemos a Tuy para que eu morra ali; e assim, se não o tendes a mal, fazei-me mercê de que voltemos atrás de nosso caminho.» Condescendeu o companheiro, chegaram à casa em que costumava hospedar-se, agravou-se a enfermidade e, sentindo que chegava já a hora de seu descanso, chamou seu hóspede e falou-lhe desta maneira: «Amado irmão meu, sabei que nosso misericordioso Deus quer pôr já fim a meus trabalhos; eu procurei alcançar de sua piedade que suspendesse um terrível castigo que ameaçava esta província pelos delitos de seus habitantes; e, pelo que toca a vós, estou sumamente agradecido pela caridade que comigo haveis sempre usado e suplico-vos que queirais receber esta correia e este báculo em mostra de meu agradecimento, que não tenho outra coisa com que dar-vo-lo a entender; e tende confiança em Deus de que algum dia vos poderá servir de algum proveito.» Recebeu o hóspede aquele donzinho com a maior devoção; envolveu-o num linho branquíssimo e, querendo numa ocasião partir com um amigo seu aquele precioso presente, foi impedido milagrosamente do céu e avisado para que o depositasse na igreja catedral, onde se conserva, obrando Deus por meio dele muitos prodígios.

Chegou finalmente a hora de sua morte, para a qual se havia preparado com orações fervorosas; e, tendo recebido os santos sacramentos, dormiu o sono dos justos, pouco depois do dia da Ressurreição do Salvador, ano de 1246, segundo a opinião mais provável. Sua morte foi isenta daquele horror que infunde de ordinário nos viventes; antes bem todos a celebraram como se fosse dia de nascimento, ou como um dia destinado a celebrar umas bodas eternas da alma com Jesus Cristo. Celebrou as exéquias do santo o grande bispo Lucas de Tuy, bem conhecido por seus escritos e sua piedade; e cuidou de colocar o venerável cadáver num sepulcro decente, junto ao qual deixou mandado em seu testamento que colocassem o seu. Depois, andando o tempo, foram tantos os prodígios com que quis o Senhor honrar seu servo e tanto o concurso dos que acudiam com votos ao sepulcro que dom Diego de Avellaneda, dignísimo prelado daquela igreja, quis trasladá-lo a melhor e mais decente sítio, qual era a capela dos senhores bispos; como com efeito o executou em 22 de janeiro de 1529. Trasladou-se o corpo do santo encerrado numa arca primorosa de prata, havendo-se celebrado a exumação do cadáver e sua trasladação com aquelas solenidades de divinos ofícios, concurso do povo e devotas procissões com que devem celebrar-se as trasladações dos santos. Mas, parecendo a dom Diego de Torquemada que um justo tão insigne, e a quem o céu distinguia com tantos milagres, não devia estar confundido com os bispos, resolveu edificar uma suntuosa capela onde se venerasse o corpo de São Pedro. Executou-se assim, e trasladaram-se a ela as sagradas relíquias em 27 de abril de 1579, entre alegres e devotas aclamações do povo.

Os milagres com que manifestou Deus a santidade de seu servo depois de sua morte foram tantos e tão frequentes que excitaram a admiração de todos, concorrendo de todas as partes com votos e

presentes, testemunhos dos favores recebidos. Seu sepulcro manou por muito tempo um azeite maravilhoso, semelhante ao que se diz haver suado aquele precioso monumento do monte Sinai em que por ministério de anjos foi depositado o corpo de Santa Catarina. Os leprosos, paralíticos, coxos, mancos, tolhidos e enfermos de todo gênero de enfermidades recebiam saúde sempre que com verdadeira fé se lhe encomendavam; mas quem o tem sentido mais propício têm sido os marinheiros nas terríveis angústias das tormentas do mar. Estes o conhecem pelo nome de Santelmo e com o mesmo o invocam em suas aflições, experimentando seu patrocínio nos naufrágios e borrascas; mas não vão acertados quando, serenadas estas, julgam que as luzinhas fosfóricas que aparecem nos mastros dos navios são luzes produzidas por São Pedro; pois, antes que o santo nascesse, sucedia o mesmo nas embarcações dos gentios, no que se vê claramente que nenhum influxo podia ter sua intercessão. Os efeitos da natureza e da graça não devem confundir-se nem atribuir-se, talvez com superstição, a esta última o que é puramente efeito da primeira. Louvemos a Deus pelos benefícios que nos dispensa em seus santos e porque em São Pedro quis de várias maneiras manifestar-se grande e maravilhoso.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Ápia, a festa dos santos mártires Tiburcio, Valeriano e Máximo, martirizados no tempo do imperador Alexandre e do prefeito Almáquio: os dois primeiros, que haviam sido convertidos a Jesus Cristo com as exortações de Santa Cecília e batizados pelo papa São Urbano, foram espancados e decapitados pela fé; Máximo, que era camareiro do prefeito, movido da constância destes mártires e confirmado com a aparição de um anjo, creu em Jesus Cristo e foi açoitado com chumbadas até que entregou sua alma.

Em Terni, São Próculo, bispo e mártir.

No mesmo dia recebeu a coroa do martírio Santa Domnina, virgem, com outras muitas virgens companheiras suas.

Em Alexandria, São Tomaide, mártir.

No mesmo dia, Santo Ardalião, farsante, o qual, como estivesse escarnecendo no teatro as cerimônias dos cristãos, mudado de repente em outro homem, defendeu a santidade delas não só com suas palavras, mas também com o testemunho de seu sangue.

Em Lião da França, São Lamberto, bispo e confessor.

Em Alexandria, São Fronto, abade, memorável por sua grande santidade e milagres.

Em Roma, Santo Abúndio, sacristão da igreja de São Pedro.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui in maris periculis constitutis beati Petri opem singularem ostendis, ejus nobis intercessione concede, ut in hujus vitæ procellis tuæ gratiæ lumen semper affulgeat, quo æternæ salutis portum invenire valeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que manifestais o singular patrocínio do bem-aventurado Pedro aos que se acham nos perigos do mar, concedei-nos, por sua intercessão, que no meio das borrascas desta vida não percamos jamais de vista a luz brilhante de vossa graça, com a qual cheguemos a encontrar o porto seguro da glória eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é de São Paulo aos Tessalonicenses, capítulo 2.

1 Tessalonicenses 2,2-8

> **Latim:** [2] sed ante passi, et contumeliis affecti (sicut scitis) in Philippis, fiduciam habuimus in Deo nostro, loqui ad vos Evangelium Dei in multa sollicitudine. [3] Exhortatio enim nostra non de errore, neque de immunditia, neque in dolo, [4] sed sicut probati sumus a Deo ut crederetur nobis Evangelium : ita loquimur non quasi hominibus placentes, sed Deo, qui probat corda nostra. [5] Neque enim aliquando fuimus in sermone adulationis, sicut scitis : neque in occasione avaritiæ : Deus testis est : [6] nec quærentes ab hominibus gloriam, neque a vobis, neque ab aliis. [7] Cum possemus vobis oneri esse ut Christi apostoli : sed facti sumus parvuli in medio vestrum, tamquam si nutrix foveat filios suos. [8] Ita desiderantes vos, cupide volebamus tradere vobis non solum Evangelium Dei, sed etiam animas nostras : quoniam carissimi nobis facti estis.

Português: [2] antes havendo primeiro padecido, e tolerado affrontas (como sabeis) em Filippos, tivemos liberdade em nosso Deos para vos pregar o evangelho de Deos com o maior cuidado. [3] Porque a nossa exhortação não foi de erro, nem de immundícia, nem por engano, [4] mas assim como fomos approvados de Deos, para que se nos confiasse o evangelho: assim fallamos, não como para agradar a homens, senão a Deos, que prova os nossos corações. [5] Porque a nossa

linguagem nunca foi de adulação, como sabeis: nem hum pretexto de avareza: Deos he testemunha: [6] nem buscando gloria dos homens, nem de vós, nem de outros. [7] Podendo como apostolos de Christo ser-vos gravosos: mas fizemo-nos parvulos no meio de vós-outros, como huma mã que amima a seus filhos. [8] Assim amando-vos muito, anciamente desejavamos não só dar-vos o conhecimento do evangelho de Deos, mas ainda as nossas proprias vidas: por quanto nos fostes muito amados.

Reflexões

O caráter de um pregador do Evangelho é todo o assunto da epístola que a santa Igreja aplica ao santo que celebra neste dia. Aquelas expressões vivas e cheias de toda a eficácia da verdade e do desinteresse com que fala São Paulo aos tessalonicenses delineiam perfeitamente as principais virtudes de um santo que tantas almas conquistou pelo ministério da palavra. Nada prega tanto como o exemplo: é uma lição muda, mas mais eficaz e persuasiva que toda a humana eloquência. Jesus Cristo começou primeiramente a fazer e depois a ensinar aquilo mesmo que obrava. Esta maneira de ensinar, que imitaram seus apóstolos e que vemos tão praticada por todos os santos, não é própria e privativa obrigação dos ministros da Igreja. É verdade que a eles obriga principalmente, sob a pena daquela maldição que Jesus Cristo lançou à figueira por haver advertido nela grande pompa de folhas, em que estão significadas as palavras, e nada de fruto, no que se dá a entender a falta de boas obras. É verdade que aos pregadores evangélicos se dirige principalmente o que diz São Paulo na segunda aos Coríntios, cap. 6: *A ninguém deis motivo de ofensa, para que nosso ministério não seja desprezado.* Mas esta obrigação compreende também todos aqueles a quem de qualquer maneira incumbe o ofício de ensinar a seus inferiores.

Um pai, uma mãe de família, como poderão repreender em seus filhos nem em seus criados aqueles mesmos defeitos de que sua consciência os acusa réus? Está muito bem que diariamente ensinem a sua família, que a doutrinem nas máximas da moral cristã, que observem muito o gênio e inclinações de cada um para dar-lhe a direção correspondente; e, por último, que, como juízes domésticos, corrijam e castiguem os defeitos ou delitos que encontrem dignos de experimentar sua severidade. Mas todos os pais de família devem ter entendido que nada será tão eficaz para repreender o vício ou para recomendar a virtude como suas mesmas obras.

Um filho que vê a desordem com que vive seu pai, entregue ao jogo, à diversão, aos espetáculos, ao luxo; que olha muitas vezes correr pelas faces de sua mãe as lágrimas que brota um coração ressentido e desprezado; que adverte o abandono com que olha todas as suas obrigações, ainda as mais necessárias para o sustento e as mais sagradas por seu estado, que caso há de fazer este filho das reconvenções de seu pai quando queira repreendê-lo por desordens e extravios iguais aos que ele comete? Como será possível que logre a emenda de uns delitos que está recomendando com suas obras? E tu — diz São Jerônimo —, poderá responder o filho, por que não fazes o que ensinas? Mas, pelo contrário, se o superior de uma família vive arranjado, cada palavra sua é espada de dois gumes; basta só sua presença para conter os excessos, e muitas vezes bastará um olhar seu para castigá-los.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,7-10

> **Latim:** [7] Euntes autem prædicate, dicentes : Quia appropinquavit regnum cælorum. [8] Infirmos curate, mortuos suscitate, leprosos mundate, dæmones ejicite : gratis accepistis, gratis date. [9] Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris : [10] non peram in via, neque duas tunicas, neque calceamenta, neque virgam : dignus enim est operarius cibo suo.

Português: [7] E pondo-vos a caminho prégai, dizendo: Que está proximo o reino dos cceos. [8] Curai os enfermos, resuscitai os mortos, alimpai os leprosos, expelli os demonios: dai de graça, o que de graça recebestes. [9] Não possuais ouro, nem prata, nem tragais dinheiro nas vossas cintas: [10] nem alforje para o caminho, nem duas tunicas, nem calçado, nem bordão: porque digno he o trabalhador do seu alimento.

Meditação

Da correspondência que guarda o mundo com seus partidários

Primeiro ponto

Considera que o mundo é tão ingrato e tão inconsequente que de ordinário a ninguém trata pior que àqueles que se declaram por seu partido. Aos justos, aos virtuosos insulta e menospreza, é verdade; mas estes não sentem seus desprezos, porque nunca apeteceram seus favores. Mas os sequazes do mundo, os que se sacrificam em seu serviço buscando o aplauso das gentes: estes são os que têm que sofrer suas vergonhas, e o mundo não lhos escasseia. Começa por picar-lhes a vaidade com a isca da lisonja; acrescenta-lhes o orgulho com os elogios descompassados que lhes dão de todas as partes; remonta-os ao cume da soberba com as humilhações e baixezas dos outros: já os tem naquela elevação em que é mais sensível a queda, pois então se compraz em derrubá-los, então se faz um entretenimento de vê-los humilhados e confusos.

Contempla, senão, o jovem Pedro sobre um poderoso cavalo ricamente ajaezado, fazendo alarde de sua louçania, de sua habilidade, de seu poder e dos muitos amigos que o acompanham. O mundo o admira, o aplaude, o cumula de elogios e levanta até o céu as vozes com que lhe prodigaliza suas lisonjas. Contempla o mesmo jovem derribado no chão, pisado pelo mesmo bruto

que montava, afeado com a sujeira do lodo em que se via submergido: pois olha o mundo, que devia compadecer-se dele, ajudá-lo, levantá-lo e cobrir sua ignomínia, como celebra com grandes gargalhadas sua desventurada queda, olha com riso seu vitupério e converte em doestos, pilhérias e baldões os recentes aplausos. Este é o mundo, este é seu gênio; esta infidelidade caracteriza sua correspondência para com os que seguem suas máximas. Pensar que há de ser humano e condescendente até com os de seu partido é pensar que pode achar-se a virtude num país subjugado e dominado pelos vícios.

Contudo, tu o crês e o segues; tu aprecias os vãos aplausos com que te entretém enquanto chega o momento de fazer burla de ti. Oh, desventurado! Oh, néscio! Guarda-te, diz Santo Agostinho [^1], de que os amadores do mundo turbem teu juízo e te enganem e seduzam. Tem entendido, diz o mesmo [^1], que os laços com que o mundo te cativa e aprisiona têm verdadeira aspereza e falso deleite; dor certa e incerta delícia; um duro trabalho e um descanso receoso; uma posse cheia de miséria e uma esperança vazia de felicidade. Em tudo observa as iníquas leis de uma verdadeira protervia. Se exalta, não é para outra coisa senão para preparar uma ruidosa queda; se abate, é para aniquilar o mérito e a virtude; se te louva, é para fazer mais reparável tua burla e mais ignominiosa tua vergonha; e quanto executa com seus partidários é dirigido unicamente a seu precipício. Não serão suficientes estas considerações para que conheças o caráter do mundo e te resolvas a abandoná-lo para sempre?

Segundo ponto

Considera que não somente se mofa o mundo dos que mais exatamente observam sua doutrina, mas além disso os castiga com infortúnios, desventuras, suplícios e uma infâmia eterna. Fixa teus olhos nesses ídolos do poder que foram em seus dias os árbitros da sorte dos homens e os objetos magníficos aonde dirigiu seus elogios a eloquência do mundo. Traze à memória tantos conquistadores, tantos guerreiros, tantos filósofos que foram em seu tempo a admiração do universo: que lhes tributou o mundo por seus serviços? Com que recompensou suas obras? Um Alexandre, um César, um Nero, um Heliogábalo, que serviram ao mundo com o maior esmero e puseram nele toda a sua glória, que conceito lhe merecem ao mesmo mundo? A morte violenta de quase todos eles manifesta que, se o mundo detestou sua existência quando o serviam, era preciso que não lhe fosse depois mais grata sua memória; e assim se experimenta. O voluptuoso, o ambicioso, o cruel, o glutão: eis aqui os títulos com que se notam nas histórias seus nomes.

Não é isto só: ainda no tempo em que parece sorrir-se a fortuna para os sequazes do mundo, não creias que são felizes, mas miseráveis e desgraçados. Nada de quanto têm os sacia; antes bem, não parece senão que aumenta sua sede e enardece sua ambição a segurança e posse da coisa pretendida. E quantas inquietações devem acompanhar esta posse talvez injusta? Aquelas riquezas, dizia Santo Agostinho [^1], que pensais que são o depósito das delícias, são na realidade o depósito dos perigos. Aquele era pobre; mas dormia seguro: o sono se aproximava com mais facilidade à terra dura que ao dourado leito. Comparai os cuidados que despedaçam os ricos com aquela doce tranquilidade dos pobres, que alarga seus dias e os enche de sossego e de ventura. Preciso é conhecer que o mundo, infiel e mentiroso em suas promessas, não somente persegue os servos de Jesus Cristo, mas a seus mesmos amadores e partidários os engana, os vitupera, zomba

deles e os castiga.

E terá, não obstante isto, tanta fortuna o mundo que te conte a ti no número de seus partidários? Se todo homem aborrece a falsidade e a protervia, e basta qualquer defeito neste ponto para cortar uma amizade de muitos anos, serás tu tão estúpido que conheças a traição que se te faz e ames e sirvas, não obstante, o traidor? Apenas empregaste tua vida em outra coisa que em seguir o mundo e em proclamar sua doutrina com tuas obras. Quantos dessossegos, quantas amarguras por comprazê-lo! E qual tem sido o prêmio com que recompensou tuas fadigas? Que tens, que possuis por fruto de teus obséquios e trabalhos? Chegou a hora da morte, diz o Espírito Santo [^1], e os varões de riquezas, os homens do mundo encontraram-se com as mãos vazias. Tu, além desta burla, estás feito o joguete de teus desejos, consumido de tuas vãs esperanças e mortificado de mil maneiras. À vista de semelhantes perfídias, deixai de amar o mundo e a quanto há nele, que é o clamor de São João Evangelista [^1].

Jaculatórias

> *Mundus transit et concupiscentia ejus.* 1 Jo 2.

O mundo e seus prazeres se desvanecem como uma sombra.

> *Universum stratum ejus versasti in infirmitate ejus.* Sl 40.

Com sábia providência, Deus meu, enchestes os bens terrenos de amarguras, para que o coração do homem não se fixe senão no bem eterno para o qual o criastes [^2].

Propósitos

1. É necessário mudar o coração, isto é, é preciso mudar os afetos. Conhecido um dano, é o extremo da estupidez permanecer sem pensar no remédio. Já sabes que o mundo é infiel, que é protervo, que paga os obséquios e serviços com positivos danos; com que te é preciso voltar em ti e atalhar os progressos aos danos que até agora tens padecido. E que remédio? Em tua mão está, e já está dito: mudar a direção de teu amor, inclinar o coração ao objeto que de justiça merece e deve ser amado. É preciso levantar o coração e deixar de habitar com ele onde não é preciso assistir com o corpo. O que não é necessário deve escusar-se, que ao dia lhe basta sua malícia [^3]. Nós estamos mortos, dizia São Paulo [^4], e nossa vida está escondida em Deus juntamente com Cristo. Mortos para o mundo e vivos para o céu, devem ser nossas obras próprias de uns homens celestiais, ou ao menos não devemos permitir que nosso coração se fixe neste mundo, a

cujas pompas havemos renunciado.

2. Fazendo-nos cargo de sua falsidade, devemos clamar com o profeta Davi [^5]: Enchei, Senhor, a alma deste vosso servo de vossa soberana alegria, pois eu levantei já a vós meu espírito. «Estava antes apegado à terra — diz Santo Agostinho na explicação deste salmo — e sentia nela uma verdadeira amargura: para que não se secasse de melancolia e perdesse toda a suavidade de tua graça, levantei a ti meu espírito; enchei-o, Senhor, de vossas celestiais delícias. Vós só sois verdadeira doçura, porque o mundo não dá de si nem tem mais que fel, acíbar e amargura. A qualquer parte que se voltem os olhos, não encontrarão mais que escândalos, temores, tribulações e perigos. Em que homem se achará segurança? Quem será capaz de proporcionar-te uma sólida e verdadeira alegria? Nem tu a ti mesmo: quanto menos deverás esperá-lo de qualquer outro!» Logo não há outro remédio senão colocar em Deus todas as nossas esperanças, todos os nossos desejos e todos os nossos cuidados; nenhum outro meio de viver tranquilos e seguros. Aquela pretensão fastidiosa que me apura a paciência e me obriga a atropelar a justiça, abandoná-la-ei desde este dia; aqueles obséquios que tributava ao capricho, à novidade, à loucura, para merecer as atenções do mundo, desde hoje mesmo hão de ficar abandonados. Minhas palavras não servirão já à lisonja e à adulação, mas somente à verdade; meu coração terá paz, porque se desarraigará do mundo e se levantará ao céu. Desprezarei o mundo antes que ele zombe de mim e com isto lhe ensinarei que, se há quem o siga cegamente, também há quem saiba desprezá-lo.

[^1]: No original há aqui, e em outras passagens desta Meditação (duas citações de Santo Agostinho, uma do Espírito Santo e uma de São João), chamadas de nota cujo texto não aparece na digitalização; as notas foram omitidas. O texto da chamada que acompanha a citação de Santo Agostinho nas Jaculatórias, esse sim, consta na nota 2. [^2]: Santo Agostinho, *Comentários aos Salmos* (*Enarrationes in Psalmos*), Salmo 40, n. 5. [^3]: Mt 6. [^4]: Cl 3. (O OCR traz «Ad Col. 4».) [^5]: Sl 85.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:06 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:06 by Admin